



A CONDIÇÃO *SINE QUA NON*: O IDEAL DE NOBREZA SANTIFICADA NO LIVRO DE ORDEM DA CAVALARIA

Renno Allesy Veras de Senna Oliveira¹

Resumo: Este artigo irá analisar a construção de uma conduta nobre/santificada pela Igreja destinada ao corpo da cavalaria, assim sendo, terá como pano de fundo a discussão que tem ocupado os medievalistas num longo debate e nos proporcionando diversos trabalhos, a saber, a problemática da relação do significado de nobreza e do corpo da cavalaria no decorrer da Idade Média Central. Entretanto, questões como a teoria das *ordines* e a dicotomia Igreja e poder laico são fundamentais para a compreensão do problema central e não podem ser deixadas de lado. Para tanto, irá ser utilizada como fonte principal uma obra doutrinária, “O Livro de Ordem da Cavalaria”, escrita entre 1274-1276, além de um suporte de parte da discussão bibliográfica sobre o assunto.

Palavras chave: Idade Média Central, Cavalaria, Igreja, Nobreza

Abstract: This article will examine the construction of conduct noble/sanctified by the Clergy destined to cavalry, thus, will have as background the discussion which has occupied medievalists in a long debate and providing many works for us, namely, the question of the dialectic among the meaning of nobility and the cavalry during the middle age, centuries X-XIII. However, issues such as a theory of *ordines* and the dichotomy Clergy and secular power are fundamental for a understanding of problem central and cannot be left behind. In review this question will be used a doctrinal work destined to cavalry, writing between 1274-1276, the book of the order of chivalry, and the support of bibliographical discussion about this subject.

Keywords: Middle Ages, Cavalry, Clergy, Nobility

¹Estudante de graduação em História pela UFRN — Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: renno_historia@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A compreensão da problemática aqui exposta só é alcançada, de uma maneira mais profunda, quando primeiro compreende-se as circunstâncias que a orbitam, assim, torna-se útil explicar um pouco a cerca delas. Tais circunstâncias são a faixa cronológica, Idade Média Central, e mais outras três que dentro dela surgiram, ou se desenvolveram, os quais são a luta política entre Igreja e poder laico, a teoria das *ordines* e a relação entre cavalaria e o significado de nobreza. Elas são indissociáveis e não podem ser tomados isoladamente.

O período que vai do século X ao XIII é entendido como Idade Média Central, pois é uma faixa cronológica em que se realizou uma transição entre dois modelos de sociedade, de uma sociedade essencialmente agrária para uma de caráter mais urbano, e culminou na gênese do Ocidente atual. Como um momento de transição, uma forte movimentação social ocorrera, contribuindo para que o recorte temporal se tornasse conturbado, cheio de contradições e com intensos conflitos sociais. Estruturou-se o feudalismo, um modo de produção determinante não somente no aspecto econômico, mas, levando em conta o método da dialética, também nas relações sociais como um todo (FRANCO JR, 1986). O caminhar para uma sociedade de caráter mais urbana levou o Ocidente ao início de uma valorização um pouco maior do que era considerado laico, foi a época do surgimento das universidades, da valorização de profissões anteriormente vistas como desonrosas e também o começo da busca pelo lucro, algo que ia diretamente contra aquilo que eram os dogmas da Igreja. Neste clima de instabilidade social acentuou-se o litígio entre o Clero e o Poder laico.

Ao longo de todo o período da Idade Média, a relação entre Igreja e poder laico, seja na figura dos reis e dos príncipes ou dos cavaleiros, fora extremamente conturbada, mas, também houve momentos de diálogo e negociação entre ambas; tentativas de ambos os lados para acumularem os poderes religioso e secular ocorreram; príncipes revestindo as suas coroações com elementos religiosos e a Igreja, de maneira inversa, tentando se colocar como um império sobre o Ocidente. O medievalista Jacques Le Goff aponta a sociedade medieval como bicéfala, com duas cabeças sobre o seu comando;

Primeiramente, qual é a cabeça deste corpo que é a cristandade? Na verdade, a cristandade é bicéfala. Tem duas cabeças: o papa e o imperador. Mas a história medieval é feita mais de seus desacordos e de suas lutas que de seu entendimento, talvez somente realizado, e de maneira efêmera, em torno do ano mil por Oto III e Silvestre II. No mais, as relações entre as duas cabeças da Cristandade mostram-nos a rivalidade existente entre os sacerdotes e os guerreiros, representantes das

duas ordens dominantes e concorrentes da hierarquia clerical e da hierarquia laica, representantes do poder xamânico e da força militar. (LE GOFF, 2005, p-267).

No período da Idade Média Central, a determinada contenda se agravou na medida em que aristocracia feudal alargou-se com a inserção da cavalaria. Desde o século IX, a cavalaria veio ganhando prestígio perante o Ocidente e cada vez mais foi se aproximando daquilo que era compreendido como nobreza. Para tal amalgama, a Igreja desempenhou um importante papel, como mostra o historiador Hilário Franco Jr;

Contudo, diante da necessidade de defenderem suas terras das invasões dos séculos IX e X, aqueles indivíduos passaram a armar e sustentar elementos de origem social humilde. Como a técnica militar que prevalecia cada vez mais era a cavalaria, esses elementos passaram a ser conhecidos por milites, “cavaleiros”. (FRANCO JR, 1986, p-74).

Assim sendo, ao mesmo tempo em que solucionava um problema, a Igreja ampliou outro, pois a cavalaria, que fora assimilada a nobreza por meio desta primeira, ampliou a fileira do poder laico. Deste modo, além de tentar cercar reis e príncipes com uma ideologia cristã que tentaria mantê-los sobre o seu domínio, a Igreja tinha que ampliar a mesma ideologia para cavalaria (FLORI, 2005). Com o intuito de buscar uma harmonização da sociedade, entende-se: uma harmonização que lhe favorecesse, a Igreja desenvolveu a teoria das *ordines*.

A teoria das *ordines* surgiu como uma ideologia que buscou alcançar a normatização e naturalização das desigualdades sociais, bem como, uma definição da organização política na Cristandade, pois ela definia os direitos e os deveres que o Clero e a aristocracia possuíam. Esta teoria surge às vésperas do ano 1000, onde grande parte do ocidente vivia o anseio, ou temor, de uma "parusia", entretanto, no ano 1000 se acentua consideravelmente a contenda entre Clero e poder laico. Nesse interim, surgiram os textos de Gerardo de Cambrai e de Adalbéron de Laon, com o objetivo, ambos, de trazerem a solução para o determinado litígio, de maneira que eles se beneficiassem. A teoria possuía três objetivos, manter uma sociedade agrária, harmonizar as desigualdades sociais e definir o lugar dos principais estamentos da sociedade, aos olhos do Clero.

Como exposto anteriormente, a cavalaria desde o século IX vinha ganhando destaque perante o Ocidente, e dentro daquilo que se compreende como Idade Média Central, ela

começa a ser assimilada a aristocracia, entretanto, este ponto vem gerando na historiografia um intenso debate para responder uma seguinte pergunta, até que ponto cavalaria e nobreza, aristocracia, foram assimiladas ou se tornaram sinônimos? Historiadores como Georges Duby, Jean Flori, Marc Bloch, entre outros, tentaram responder esta questão e abriram maiores margens para a continuação do debate.

Por meio destes quatro pontos, a problemática proposta pode ser consideravelmente entendida, pois a fonte principal utilizada reflete bem estes determinados fatores. “O livro de Ordem da Cavalaria” é um fruto desse período conturbado e de intensa movimentação social, entoa ecos da teoria das *ordines*, demonstra a valorização que a cavalaria teve no ápice desta faixa cronológica, século XIII e, principalmente, a relação entre o corpo de cavaleiros e o significado de nobreza. Deste modo, irão ser perseguidas estas circunstâncias na análise da obra em destaque para assim realizar um diálogo desta com o contexto sócio histórico em que foi feita.

A CONDIÇÃO SINE QUAN NON

Quando se ler de maneira incisiva “O Livro da Ordem de Cavalaria” um ideal central logo é percebido, honrar a Deus. Ele é o mantenedor de todas as coisas, claro que não seria diferente com a ordem da cavalaria. No texto, o autor aponta a condição da qual os cavaleiros necessitavam para que fossem reconhecidos como nobres, então, cavaleiro só seria nobre honrando ao seu provedor. Mas, ao ser levantada a afirmação anterior sobre o conteúdo do livro surge uma questão em torno do que teria levado a sua elaboração, mais especificamente, quais fatores condicionaram Ramon Llull na criação da nossa fonte principal?

Para começo de discussão, vale salientar que a biografia do autor está intimamente ligada ao conteúdo de seu livro, por isso, faz-se necessário tecer algumas considerações ao seu respeito. Ramon Llull nasceu em 1232, provavelmente, na cidade de Mallorca onde viveu como senescal e majordomo na corte do Rei Jaime “O Conquistador”. A sua educação foi voltada para a carreira das armas e da corte como mostra Ricardo da Costa² “Assim Llull passou sua infância e juventude em torno da corte real. Sua educação foi direcionada para a carreira das armas, fato que influenciou consideravelmente sua produção posterior” (COSTA, 2000, p-16). O trecho anterior é de suma importância para compreender uma particularidade:

²Tradutor da obra do catalão antigo para o português

a cavalaria era algo muito íntimo na realidade de Ramon Llull. Outro ponto que merece atenção, é o fato da conversão ao cristianismo. Ramon Llull tinha uma vida mundana, gostava de escrever canções sobre atos pecaminosos e era amante dos prazeres que a sua riqueza lhe proporcionava. No entanto, certo dia, enquanto estava compondo uma canção para uma mulher pela qual sentia um amor vil, ele teve repetidas visões do Cristo crucificado e na quinta vez se rendeu ao chamado que lhe foi feito;

Pelas quais aparições assim repetidas, ele muito espantadamente cogitou que desejava asseverar aquelas visões tão repetidas, e o estímulo da consciência lhe ditava que Nosso Senhor Deus Jesus Cristo não desejava outra coisa senão que, deixasse o mundo e totalmente se doasse à sua servidão (LLULL 1999, p-8).

Logo após a sua conversão Ramon Llull tornou-se um fervoroso defensor da santa fé católica entre os judeus, os mouros e entre os próprios cristãos desviantes da ortodoxia católica. A união de um passado em torno da cavalaria e a sua conversão foram os elementos primordiais os quais pautaram a composição do livro.

Além destas circunstâncias individuais somou-se a situação da cavalaria que, no olhar do autor observador, estava totalmente perdida em seus pecados e necessitava de uma luz para retornar ao seu propósito de honrar a Deus, logo, o que iria fornecer tal luz seria “O Livro da Ordem de Cavalaria”. Na citação extraída do comentário feito por Ricardo da Costa, verifica-se como Ramon Llull enxergava o panorama social por meio da sua fé.

Já neste prólogo percebem-se os propósitos da obra. A cavalaria e o povo cristão se perderam, é preciso trazer o rebanho de volta, iluminá-lo. Portanto, a obra possui um sentimento de nostalgia de tempos gloriosos. Para trazer esse passado de volta seria necessário fazer-se o soerguimento da cavalaria. Isto porque o quadro era absolutamente decadente: Cavaleiros que cometiam perjúrio, luxúria — o vício mais abominável — ladrões e traidores de sua causa, reis e príncipes malvados. (COSTA, 2000, P-27).

No trecho supracitado está cristalino o ideal frisado no recorte aqui desenvolvido, o qual fora o norte do livro escrito por Ramon Llull na tentativa de fazer com que a cavalaria e o próprio povo cristão, retornassem a um passado idílico onde a sociedade funcionava de forma harmoniosa, já que, nestes tempos, honrava-se a Deus. Percebe-se que Ramon Llull buscou no passado, transformado e idealizado por ele, uma justificativa para o seu propósito. Esta “perdição” que o autor criticava, tanto no povo cristão quanto na cavalaria, era fruto de um mundo mais aberto que minava gradativamente o poder da Igreja, ainda que a mesma

exercesse uma enorme influência na sociedade feudal. Um mundo afundado em pecados, uma conversão e um passado cavaleiresco fizeram com que Ramon Llull desenvolvesse tal doutrina para trazer a cavalaria aos caminhos de honra e de nobreza que outrora ela andava. Para esclarecer o que foi trabalhado até o momento, torna-se necessário analisar o escrito destinado à cavalaria:

Em uma terra aconteceu que um sábio cavaleiro que longamente havia mantido a Ordem de Cavalaria na nobreza e força de sua alta coragem, e a quem a sabedoria e ventura haviam mantido na honra da cavalaria, em guerras e em torneios, em assaltos e em batalhas, elegeu a vida ermitã quando viu que seus dias eram breves e a natureza o impedia, pela velhice, de usar as armas. Então, abandonou suas herdades e legou-as a seus infantes [...] (LLULL 2000, p-3).

A imagem e semelhança do autor, o velho cavaleiro abandonou as armas, as suas posses e dedicou-se a uma vida de ascese. A similitude entre a vida do personagem e a do seu criador pode ser comprovada na biografia de Ramon Llull, o livro “*Vida Coetania*”;

[...] foi tocado dentro de suas entranhas e deliberou que, vendidas as suas possessões, ele faria o mesmo. E de fato, deixada certa parte dos bens para sustento da mulher e infantes, partiria embora à Igreja de São Jaime e à Nossa Dona de Rocatallada, e a diversos lugares santos, para suplicar a Nosso Senhor que o endereçasse naqueles três propósitos que havia deliberado fazer. (LLULL, 1999, P-10).

Nota-se aqui, uma projeção da autobiografia do autor no personagem, pois o cavaleiro, assim como ele, passou por uma transformação de mente, conversão, e mudou radicalmente a sua vida em busca da santidade. A semelhança continua, ambos, após se dedicarem a ascese, proporcionaram a cavalaria um modelo de conduta pelo qual o corpo de guerreiros iria encontrar sua identidade.

Em outro trecho, realiza-se uma amálgama entre o significado de nobreza e de santidade como conduta ideal para os cavaleiros seguirem, percebe-se claramente a construção de uma conduta nobre/sacro feita por Ramon Llull. “Porque quanto mais nobres princípios tens, mais obrigado a ser bom e agradar a Deus e às gentes estás; e se és vil, tu serás o maior inimigo da cavalaria, e mais contrário a seus princípios e a sua honra” (LLULL, 2000, p-17).

A figura de Deus deve ser ressaltada como basilar na construção doutrinária do autor, é ele (Deus) o elemento e o ser, utilizado como argumento central de todo o seu pensamento, que vai além de sua obra escrita;

Logo, como o ofício de Cavalaria é feito e ordenado por Deus e se mantém por aqueles que amam a Ordem de Cavalaria e que estão na Ordem de Cavalaria, por isso, o malvado cavaleiro que se vai da Ordem de Cavalaria desamando o ofício da Cavalaria, desfaz em si mesmo a Cavalaria. (LLULL, 2000, p-31).

Na citação, percebe-se o método de vícios e virtudes ³utilizado pelo o autor. Com este, Ramon Llull apontava o caminho do bem ao lado de Deus e da Santa Igreja, sua representante, e o caminho do mal, aquele que se encontrava fora dos dois caminhos. Todo o seu livro é permeado por esse maniqueísmo refletido na conduta humana, desta forma, para o autor, fora de Deus não havia cavalaria e nem muito menos nobreza.

Os trechos utilizados anteriormente foram selecionados, pois exprimiam a intencionalidade central da obra, porém, outros trechos tinham a mesma importância destes, mas não foram empregados devido às delimitações do presente trabalho. Agora, após ter caminhado na análise da obra em apreço, se faz inescusável um diálogo entre livro e contexto sócio histórico. A realização deste levanta questões como até que ponto a imaginação sociológica da teoria *das ordines* serviu de contribuição para Ramon Llull ter construído um ideal nobre santificado direcionado aos cavaleiros? E, fazendo a ligação com a pergunta anterior, como “O Livro da Ordem de Cavalaria” pode contribuir na relação entre cavalaria e o significado de nobreza? Por meio destas questões postas irá se desenvolver a próxima parte do trabalho.

A QUESTÃO CAVALARIA/NOBREZA

A problemática aqui abordada fomentou — fomenta — um intenso debate entre os medievalistas numa discussão que gira em torno da relação entre o corpo de cavaleiros e o significado de nobreza. Buscou-se, na tentativa de compreender esta questão, a identificação da ligação entre os elementos de ordem política, econômica, cultural e social com a cavalaria,

³ Para uma melhor compreensão sobre este método é indicado ler os comentários do Ricardo da Costa, tradutor do Livro da Ordem de Cavalaria para o português, os quais se encontram na obra na sua versão em português.

desde suas origens até o período em que ela se firmou como um grupo coeso e de expressão dentro daquilo que compreendeu-se como sociedade feudal.

Antes de tudo, convém lembrar uma tese utilizada pelos medievalistas em suas buscas de compreender como a cavalaria ocupou um lugar de destaque na sociedade feudal, a Tese Mutacionista. A Tese Mutacionista pode ser comprovada em obras de Marc Bloch, Georges Duby, Pierre Bonassie, Jacques Le Goff e entre outros. Para os adeptos dela, a sociedade cristã sofreu em torno do ano 1000 uma ruptura, fruto de pressões internas e do desmembramento do Império Carolíngio; sendo assim, instaurou-se no Ocidente um período de desordem, em que castelões, ao lado de seus cavaleiros, obtiveram o poder laico por meio das armas e conquistaram o direito das terras e sobre os povos que destas viviam. (FLORI, 2005). Porém, será que somente a tomada do poder laico, destacada pela Tese Mutacionista, fora suficiente para que a cavalaria viesse a ser confundida com o significado de nobreza?

Para Marc Bloch, não. Na opinião dele, ainda norteada por esta tese, as evoluções nas técnicas de combate e nos armamentos dos cavaleiros corroboraram para que a diferenciação social entre os guerreiros a cavalo e as gentes aumentasse, pois, com isso, só adentrariam na cavalaria aqueles que tivessem um forte poder aquisitivo para arcarem com as altas despesas que o tal empreendimento trazia.

Os aperfeiçoamentos deste último, depois da época franca, ao tornarem-no à um tempo mais caro e mais difícil de manejar, tinham fechado cada vez mais rigorosamente o acesso a esta maneira de fazer a guerra a quem não fosse rico, ou fiel dum rico, e homem de ofício (BLOCH, 2001, p-322).

Sendo assim, além de ter se diferenciado dos estratos mais baixos da sociedade, a cavalaria começou a se fechar para indivíduos sem forte poder aquisitivo devido ao alto custo para ingressar nesta. Entretanto, não só apenas estes fatores de ordem econômica e política foram suficientes para cavalaria e nobreza se entrelaçarem.

Merece um destaque neste momento o principal pensamento sociológico do período da Idade Média Central, e para além dele, a teoria das *ordines*. De caráter conservador, esta teoria se dispôs a dar harmonia ao caos e equilibrar o que era desequilibrado, era o intuito de seus criadores, Gerardo de Cambrai e Aldabéron de Laon (DUBY, 1994). Mas, o que estes pioneiros da trifuncionalidade social pensavam sobre a categoria dos cavaleiros?

Como exposto na introdução, a teoria das *ordines* tinha como um dos seus objetivos dispor os indivíduos, ao menos os principais, em seus determinados lugares dentro daquilo

que era idealizado por seus pensadores como uma sociedade harmônica. Cada ordem, ou mais especificamente, função⁴, era liderada pelos seus mais proeminentes componentes, como mostra Jacques le Goff;

Assim, o esquema tripartido — mesmo se alguns, como Aldabéron de Laon ai façam entrar o conjunto do campesinato, identificando os laboratores com os servos — representa antes apenas o conjunto das camadas superiores; a classe clerical, a classe militar, a camada superior da classe econômica. Compreende apenas a melhor pars, as elites. (LE GOFF, 2005, p-261).

Ou seja, quando os pensadores falavam das três partes do edifício social eles se dirigiam apenas aos bispos, reis e princeps e os principais agricultores, mas em nenhum momento se dirigiam aos cavaleiros, diferenciando *bellatores* de *miles*. Os guerreiros a cavalo eram desprezados por Aldabéron de Laon, como mostra Georges Duby;

Adalberão, o gramático, o perfeito conhecedor dos vocábulos, fala dos cavaleiros, esses bandos de salteadores e rapaces constituídos por quem se servem das armas e que vivem em torno dos príncipes deste mundo. Jovens, atraídos pela violência, gesticulando como se gesticula no inferno (DUBY, 1994, p-70).

Este era o posicionamento de um dos pioneiros da teoria trinfuncional, os cavaleiros eram salteadores e rapaces, ou seja, algo abominável aos olhos de Adalbéron, posicionamento também adotado por Gerardo de Cambrai. Porém, cabe ressaltar o motivo pelo qual Adalbéron se guiava para ter tal visão da atividade cavalheiresca. O cerne desta visão vinha de uma contenda entre ele e os monges de Cluny, e também de outros clérigos que tiveram a mesma atitude dos monges, por conta de uma crescente militarização do clero;

Já nos concílios de paz, reunidos na França do Norte, podemos ver alguns bispos, demagogos, despojarem-se da sua vestimenta, apelar para a igualdade, proclamar que o rústico é rei e preparar-se já, quais novos Turpins, para pôr-se à frente de uma expedição militar contra os inimigos da fé. E cabe a Adalberão lamentar-se: ele, que não sabe trabalhar nem combater, em que irá torna-se? (IBID, 1994, p-70).

Por meio deste trecho, percebe-se o valor que a atividade guerreira estava tendo perante parte do clero quando do começo do século X, assim, como será que “O Livro de

⁴ Para os criadores dessa teoria, ou ao menos, os seus estruturadores, ordem era apenas designada ao clero e as outras duas partes do edifício social eram reconhecidas como funções (DUBY,1994).

Ordem da Cavalaria” entoou os ecos da teoria das *ordines* durante o período em que a cavalaria veio atingir o seu ápice?

O pensamento do Ramon Llull diferiu substancialmente dos primeiros teóricos das *ordines*, pois, ao contrário destes primeiros, o autor do “O Livro de Ordem da Cavalaria” compreendia que todos os elementos da nobreza eram cavaleiros, *miles*, como verifica-se na citação abaixo;

Tanto é nobre coisa o ofício de cavaleiro que cada cavaleiro deveria ser senhor e regedor de terra; mas, para os cavaleiros, que são muitos, não bastam as terras. E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o imperador dever ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si só manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis que sejam cavaleiros, para que o ajudem a manter a Ordem de Cavalaria. E os reis devem haver abaixo de si condes, condores, varvesores, e assim os outros graus de Cavalaria; e debaixo destes graus devem estar os cavaleiros de um escudo, os quais sejam governados e possuídos pelos graus de Cavalaria acima ditos (LLULL, 2000, p-27).

Ele chama do imperador até o guerreiro da mais baixa patente, o cavaleiro de um escudo, de cavaleiro, entretanto, foi feita uma diferenciação hierárquica entre os cavaleiros, tendo o Imperador como líder máximo dos *miles* e na base da função guerreira está o cavaleiro de um escudo. Assim sendo, a figura do Imperador continuou sendo a representação principal da segunda função, no pensamento de Ramon Llull, aproximando-se assim dos primeiros teóricos das *ordines* neste aspecto, porém, o Imperador deveria possuir, ao menos, a dignidade de guerreiro, pois ele na maioria das vezes não combatia. Pode-se assim concluir que a teoria das *ordines* sofreu uma modificação nas mãos de Ramon Llull com a ligação feita entre cavalaria e nobreza, todavia, isto é apenas uma hipótese, pois não houvera uma maior investigação para verificar essa aproximação dele, um teólogo laico, com o pensamento da trifuncionalidade social, produzida nos círculos eruditos da Igreja. Contudo, a sugestão de que a teoria passou por uma diferenciação, nas mãos do nosso autor em apreço, com a valorização da atividade guerreira não pode ser descartada, ou seja, ela pode ter sido um subterfúgio nas mãos deste teólogo laico para ligar cavalaria à aristocracia. Muito se discutiu até agora sobre a construção de um significado, ou conduta, nobre santificada destinada a cavalaria, sobre a relação entre nobreza e os cavaleiros e sobre as aproximações e os distanciamentos entre a teoria das *ordines* e o pensamento de Ramon Llull em “O Livro de Ordem da Cavalaria”,

entretanto, é necessário realizar uma reflexão acerca do significado de nobreza para os contemporâneos da cavalaria.

Discorrendo sobre os termos que designavam o significado de nobreza no período áureo da cavalaria Jean Flori apresenta a conotação semântica que havia por trás de um destes “O adjetivo “nobilis”, muito mais difundido, assume mais ou menos o mesmo significado e se aplica inicialmente aos personagens cujas qualidades morais têm unanimemente atraído a atenção e o respeito” (FLORI, 2005, p-115). Este era um dos termos mais antigos utilizados em atas jurídicas, ou em outros documentos, para designar a nobreza de uma pessoa, porém, próximo do século X, o termo *miles* substituiu gradualmente o termo *nobilis* nos documentos, como mostra o Georges Duby em um estudo feito com documentos da região do Mâconnais;

É exatamente em 971 que a palavra *miles* aparece nas atas que foram conservadas. Em algumas delas, nas notícias que relatam um acordo perante uma assembleia judiciária, nas concessões de bens em caráter precário e nas atas de trocas, vê-se desde então esse termo substituir progressivamente qualificativos que insistiam anteriormente na subordinação vassálica, como *vassus* ou *fidelis*, ou, como *nobilis*, no lustre do nascimento. (DUBY, 1989, p-24).

Com isto, Georges Duby afirma que o termo *miles*, ligado com a atividade guerreira a cavalo, se tornou aos poucos sinônimo de nobreza naquela região da França, em torno do ano 1000, todavia, algumas considerações devem ser feitas sobre a colocação dele. Jean Flori rebate tal ideia;

Talvez não seja a única razão. Pois *nobilis* não desaparece dos atos; é *miles* que os invade. Os redatores conservam, então, muito naturalmente, “à moda antiga”, os dizeres *nobilis* quando se trata de mulheres, que não combatem e não podem ser chamadas de *miles*. Quanto aos homens da aristocracia, eles são designados, certamente, como *miles* para insistir em sua função militar, que se tornou, a partir de então (por motivos ideológicos aos quais voltaremos mais tarde), ao mesmo tempo indispensável e honrosa. Mas sua notoriedade, sua “nobreza” continua sendo anotada com a mesma palavra *nobilis*. (FLORI, 2005, p-118).

Ou seja, Jean Flori defende que o termo *nobilis* não sumiu das atas, mas que o termo *miles* invadiu elas com a valorização da atividade guerreira; entretanto, ainda seguindo este raciocínio, o autor diz que o termo *miles* designava apenas a função de guerreiro, não possuía grau de intensidade e não diferenciava socialmente os indivíduos, contudo, a palavra *nobilis* tinha este qualitativo e distinguiu os homens com “graus de nobreza”. Sendo assim, a palavra *miles* carregava uma conotação mais honorífica do que de nobreza ao contrário de *nobilis*,

esta permaneceu designando nos documentos a qualidade de nobre. Retomam-se agora as atenções para fonte principal deste trabalho, pois se torna útil neste momento perceber como o autor dela lidava com os termos nobre e cavaleiro.

Ramon Llull não dissociava cavaleiro de nobreza, pois para ele cavaleiro quem não era nobre não poderia ser cavaleiro, porém, foram mantidas, em seu escrito em análise, separadas as duas palavras; ele chamava o cavaleiro de “nobre cavaleiro” e não utilizava uma palavra como sinônimo da outra, pois, na realidade, existia um tipo de cavaleiro diferente da sua concepção. Segue um trecho onde ele fez menção à palavra nobreza, compreendida por meio de atributos morais, e alertava o guerreiro que não era nobre;

Amor e temor convém entre si contra desamor e menosprezo; e por isso, convém que o cavaleiro, por nobreza de coragem e de bons costumes, e pela honra tão alta e tão grande que lhe foi feita por eleição, e pelo cavalo e pelas armas, seja amado e temido pelas gentes, e que pelo amor retornassem a caridade e ensinamento, e pelo temor retornassem a verdade a justiça. (LLULL, 2000, p-15).

O posicionamento de Jean Flori parece mais conciso com que a possível realidade social da época esboçou, porém, cabe ressaltar que o Georges Duby, alicerçado em fontes confiáveis, trabalhou a realidade específica da região dos Mâconnais. Sendo assim, cavalaria e nobreza não seriam sinônimos, ainda que a primeira vivesse o auge da sua valorização perante a Cristandade? Em resposta a esta questão segue a citação de uma obra do Jean Flori, onde ele expõe o pensamento da Igreja sobre o que era um modo de vida nobre;

[...] anexavam esse qualitativo a um certo tipo de comportamento ligado sobretudo à piedade que é expressa por fundações de igrejas, abadias ou priorados, legados, doações ou outros “benefícios” dos quais eles são os recipientes. Os clérigos esperam dos Grandes tal comportamento “nobre”. A nobreza e até a santidade são assim reservadas a personagens de um nível social elevado. (FLORI, 2005, p-116).

Tomando ainda em apreço a citação anterior, verifica-se a qualidade de nobre destinada aqueles que eram de um nível social elevado, deste modo, nobreza não podia ser confundida totalmente com cavalaria, pois nem todos os cavaleiros eram de posição social elevada; havia muitos deles vindos de estratos sociais mais baixos e que não tinham lugar de destaque no edifício social da sociedade feudal, fazendo apenas parte de um corpo de guerreiros e nada mais, entretanto, em algumas localidades, como no caso de algumas regiões da França, cavalaria e nobreza se entrelaçaram de uma maneira bastante nítida, todavia, não se

confundiram. Apesar de Ramon Llull ter, de certa forma, apontado para uma solidificação entre nobreza e cavalaria, ela apenas aconteceu no seu ideário e não, totalmente, na suposta realidade da sociedade feudal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou com toda essa discussão em torno do “O Livro de Ordem da Cavalaria”, junto de alguns pontos presentes no contexto sócio histórico em que a obra fora produzida, tomando dos séculos X ao XIII, vislumbrar como Ramon Llull construiu o seu ideal nobre/santificado destinado à cavalaria; um forjamento para assimilar corpo de cavaleiros com que se entendia por nobreza. Ideal este cerceado por aquilo que era compreendido como ortodoxia apostólica romana, entretanto, com expressões da cultura em que o seu criador vivera, o amálgama religioso da Ibéria, composta por judeus, por mouros e por cristãos. A realidade individual do criador da obra não foi perdida de vista, um pouco de suas experiências e realizações foram contempladas para auxiliar na compreensão do ideal, da condição *sine quan non* (sem a qual) os cavaleiros não poderiam ser reconhecidos como nobres, a honra e a glória ao seu mantenedor.

A questão relacionando nobreza/cavalaria, numa dialética assaz cinza em meio às cores preta e branca, fora aqui trabalhada em um diálogo entre a obra contemporânea da cavalaria e com as obras produzidas pela historiografia medieval sobre o assunto, entretanto, algumas considerações devem ser feitas sobre tal problemática. Em primeiro lugar, a hipótese de que Ramon Llull construiu em sua obra uma perfeita ligação entre nobreza e cavalaria deve ser considerada mediante a discussão aqui trabalhada. No tocante ao posicionamento do artigo quanto a este problema, ele se aproxima, em grande parte, do pensamento do Jean Flori que foi anteriormente exposto; cavalaria e nobreza nunca se amalgamaram de forma perfeita, ou, cavalaria não foi sinônimo de nobreza, mas, em certa medida, foi inserida dentro daquilo que eram os círculos nobres da época (FLORI, 2005).

Quanto à relação de Ramon Llull com a teoria das *ordines* é uma questão que este trabalho levantou, mas, devido às limitações do tema, não buscou responder, porém, esta se mostra pertinente, pois trata-se da relação entre um pensador laico com um pensamento sociológico erudito oriundo dos círculos clericais.

Em suma, com uma problemática alojada dentro de uma faixa cronológica de intensa movimentação social, espera-se, ter abarcado, ao menos minimamente, as ligações capilares em torno da construção idealizada pelo bispo, laico, de Mallorca na obra destinada a sua familiar cavalaria.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Porto: Edições 70, 2001.
- DUBY, Georges. **A sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.
- FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. Tradutor: Ricardo da Costa. São Paulo: Editora Giordano, 2000.
- LLULL, Ramon. **Vida Coetania**. Tradutor: Ricardo da Costa. Freiburg: Raimundus-Lullus-Institut, 1999.